

## O GENOCÍDIO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA (4-4)

### A REVOLTA INDÍGENA DO PERU (\*)

Manoel de Andrade

#### 1. Os Incas de Vilcabamba

Ele fora, duzentos anos depois, o quinto neto do último imperador inca, Túpac Amaru I, mas a história de lutas e da morte de José Gabriel Condorcanqui, o Túpac Amaru I, não seria bem contada sem revisar a rápida sucessão dos imperadores incas que sobreviveram ao assassinato de Atahualpa e o fim do Império Inca.



Cleto de Assis

Quando Francisco Pizarro aportou seus três navios no Peru, os herdeiros do poderoso imperador Inca Huayna Ccápac disputavam, numa guerra sangrenta, a sucessão do trono. A luta, polarizada entre Atahualpa, sediado em Quito, e Huascar,

reinando em Cusco, foi vencida pelo primeiro, na grande batalha de Cusco. Foi nesse contexto histórico que Pizarro, usando a intriga entre os irmãos, fez da conquista espanhola do Peru uma piada. Com 180 soldados, trinta e sete cavalos e alguns tiros, ele dominou um império de cerca de três milhões de habitantes.

Com esse pequeno exército e seus três irmãos, desembarcou em 16 de novembro de 1532 no litoral norte do Peru, dirigindo-se posteriormente a Cajamarca para um jantar com Atahualpa, onde surpreendeu o imperador, ao assassinar sua guarda de honra, fazendo-o seu prisioneiro, sob a acusação de uma absurda heresia, e exigindo seu resgate em ouro e prata. Explorando as remanescentes disputas dos irmãos pelo poder e em vista do assassinato posterior de Huascar, por ordem de Atahualpa, Pizarro ordenou seu estrangulamento, acusando-o pela morte do irmão, heresia contra a Bíblia e rebelião contra o rei da Espanha. Colocou em seu lugar Túpac Huallpa, seu segundo irmão, que passou a servir os interesses e a ganância de Pizarro na exploração do ouro, colocando seus guerreiros lado a lado com os espanhóis e outros aliados andinos, na conquista de Cusco, destruindo assim o Império Inca, o *Tahuantinsuyu*, numa batalha de incas contra incas, sob suas pérfidas manobras e a cumplicidade de Diego de Almagro. Quando Túpac Huallpa resolveu se contrapor a Pizarro já era tarde, e morreu envenenado por seu súdito Chalcuchima.

Manco Inca Yupanqui (também chamado Manco Cápac II), quarto irmão, inimigo de Atahualpa e aliado de Huascar na Batalha de Cusco – vencida pelas forças combinadas de Atahualpa, comandadas pelo general Quisquis e onde morreram, em 1532, cerca de cem mil índios – foi quem sucedeu Túpac Huallpa. Foi coroado imperador pelo próprio Pizarro que, por respeito e medo de seus aliados indígenas manteve, na aparência, a instituição política do império, e garantiu, hipocritamente, seu apoio ao novo imperador dizendo-lhe, em sua chegada a Cusco em 15 de novembro de 1533, *que solo venia a Cusco sabiendo de los agravios que le hacían los quiteños y para remediar los males que aquejaban los cusqueños.*<sup>i</sup>

Aqui é relevante frisar que é somente com Manco Inca Yupanqui e com dois de seus três filhos, que realmente começa, em 1536, a revolta contra os conquistadores, sediada na região de Vilcabamba, a leste de Cusco, estendendo-se com grande ferocidade até 1572, quando caíam as últimas resistências das tribos que ainda se opunham aos espanhóis. Manco Inca acreditava que os conquistadores voltariam para a Espanha e que o Império do Sol voltaria a ser como antes. Depois de receber a ajuda militar de Pizarro e dos seus aliados andinos para combater as forças remanescentes de Atahualpa, Manco Inca avança pelo centro do país, derrotando as forças do general Quisquis em Jauja e Tarma. Ao retornar a Cusco, em 1536, encontra os grandes templos e monumentos destruídos pela ganância de Pizarro em busca de ouro e prata. Revoltado, ao ver as instituições e crenças de seu povo violadas, afronta abertamente o conquistador, que o manda aprisionar em Sacsayhuamán. Posteriormente, Fernando Pizarro, irmão de Francisco, volta da Espanha e assume o governo de Cusco. O Inca prometendo, ardilosamente, trazer ao novo governador algumas estátuas de ouro maciço, recebe permissão para sair da cidade e foge, dirigindo-se para Yucay.

*Manco viéndose libre, avanzó rapidamente por el viejo sendero hacia la importante población de Chinchero, allí comenzó la rebelión incendiando el pueblo que había sido convertido hacía poco en feudo español, luego continuó viaje hacia el valle,*

*llegó a Yucay y Ollantaytambo; el inca fue reconocido supremo capitán de la causa independentista y los guerreros fueron aglutinándose bajo su bandera.*

*Sorprendido Hernando Pizarro con la actitud del inca, envió parte de sus efectivos en rápidos corceles hacia Yucay y Ollantaytambo, efectivos que sufrieron importante derrota frente a los bastiones de Choqana, Mascapampa y Punkupunku, siendo probable que no llegaran a la plaza de Mañay Raqay, pues, de ella ninguno habría salido vivo. Los españoles fueron perseguidos hasta cerca a Cusco, no obstante que los guerreros nativos avanzaban a pie y los hispanos huían a caballo.<sup>ii</sup>*

Em maio de 1536, Manco Inca com suas forças reagrupadas, abre três frentes de ataque: uma contra os povos *huanca*s que apoiavam os espanhóis, outra contra a povoação de Lima, fundada por Pizarro no ano anterior e a terceira contra Cusco, que manteve sitiada por quase um ano, tendo sua base militar nas ruínas de Sacsayhuamán. Foi ali que se travou a batalha final pelo domínio da cidade, cabendo a vitória aos espanhóis. Depois disso, a luta continuou nos setores norte, centro e sul da ampla região de Vilcabamba, onde a defecção gradativa de muitas tribos para o lado espanhol, foi enfraquecendo o poder militar do imperador. Nesses embates, a esposa e o irmão de Manco Inca foram aprisionados e como ele não aceitou a chantagem de Pizarro, para entregar-se em troca de suas vidas, ambos foram flechados. Com suas forças militares cada vez mais reduzidas, Manco Inca adotou a tática da guerrilha, mantendo sempre em xeque as tropas espanholas.

Depois de assassinar Francisco Pizarro em 1541, vingando seu pai, decapitado em 1537 na praça de Armas de Cusco, Diego de Almagro, o Moço, e mais sete comparsas recebem de Manco Inca o refúgio político em Vitcos, em 1542. Três anos mais tarde, o governador de Cusco, Alonso Toro, ofereceu o perdão e a liberdade dos almagristas em troca da morte de Manco Inca que, em 1545, traído em sua gratidão, foi apunhalado na presença de seu filho Titu Cusi Yupanqui, pelos sete espanhóis a quem dera asilo. Os assassinos fugiram, mas foram logo alcançados pelos soldados do Inca e mortos impiedosamente. Seus restos foram vistos por vários anos em Vitcos.

Seu herdeiro, Sayri Túpac Inca, depois de negociar com o vice-rei Andrés Hurtado de Mendoza o seu direito ao Império Inca, troca, em janeiro de 1560, as bandeiras de luta que seu pai cravou nas montanhas de Vilcabamba por uma renda de 17.000 castelhanos, recebe o batismo e segue para Cusco, onde recebe uma *encomienda* no vale de Yucay. Morre em 1561, segundo certas fontes, de morte natural, segundo outras, por envenenamento.

Sucedendo seu irmão, Titu Cusi Yupanqui retoma o título de "Sapa Inca", assume o poder em Vilcabamba e declara guerra aberta ao vice-reinado, ao invadir as *encomiendas* de Apurímac e Urubamba, devolvendo aos chefes tribais as terras que possuíam antes da conquista. Polarizando, com essa atitude, a admiração de muitas outras tribos que eram inimigas dos incas, agrupou, em torno de sua imagem libertária, um amplo apoio militar, abrangendo alianças que se estendiam de Quito até o norte da Argentina, com vista ao seu plano de iniciar em 1567 o grande *Taqui y Onqoy*, o levantamento geral dos povos incas contra os espanhóis. Porém, o sonhado plano de libertação do Império do Sol não se concretizou. Os aguerridos *huanca*s voltaram atrás em seu compromisso, em troca de independência, títulos e terras oferecidos pelo vice-

rei. Os espanhóis, sabedores do plano, ocuparam estrategicamente os principais cenários políticos da região e usaram a ameaça, o terror e a brutalidade para desencorajar um sonho que começava a nascer.

Com a situação totalmente adversa, o penúltimo inca manteve o seu pequeno império com sede em Vitcos e sabedor de suas limitações militares, evitou grandes confrontos com os espanhóis. Em 1570 ditou, em forma de crônica, uma carta ao rei Felipe II, denunciando os maus tratos ao seu povo e as injustiças cometidas contra seu pai. O relato, do ponto de visto historiográfico, é um dos mais importantes documentos sobre a conquista do Peru, sob a ótica indígena. Morreu no ano seguinte, com a língua inchada e expelindo sangue pelo nariz e pela boca, supondo-se que foi envenenado pelo padre agostiniano Diego Ortiz, depois de um incidente entre ambos.<sup>iii</sup>

Túpac Amaru I, o filho caçula de Manco Inca Yupanqui, não seguiu a política de retraimento militar de seu irmão Titu Cusi. Sacerdote e guardião do corpo de seu pai, assumiu o título de Sapa Inca com a morte do irmão e liderou, em 1571, uma aguerrida rebelião contra o cruel vice-rei Francisco de Toledo, chamado de *El diablo negro* ou *La baba de la muerte*, pondo em prática uma estratégia de ataques guerrilheiros que mantinha as tropas espanholas em constante defensiva. A revolta tomou tais proporções que o Conselho das Índias enviou instruções para reprimir duramente a insurreição. O vice-rei armou um grande contingente militar que, sob o comando de Martín de Hurtado de Arbieto, invadiu a região de Vilcabamba em 1572, destruindo altares e fortalezas, incendiando povoações e obrigando Túpac Amaru I a fugir para a região da Amazônia peruana, onde foi incansavelmente perseguido e aprisionado.

O último imperador inca foi julgado pela alta traição de defender seu povo da servidão e dos maus tratos e foi publicamente executado, em 24 setembro de 1572, naquela praça de Armas onde, quatrocentos anos depois, o autor destas páginas se sentaria, numa manhã de sol, lembrando com emoção e amargura as páginas lidas nos dias anteriores, na Biblioteca Municipal de Cusco a imagem de Túpac Amaru I e de seu pai se agigantavam como os grandes heróis na resistência contra os invasores do Império do Sol.

O historiador *Víctor Angles Vargas*, citando o cronista da época *Fray Antonio de la Calancha*, conta que ao ser levado pelas ruas da cidade em direção ao suplício na praça de Armas, os indígenas lotaram o local e choravam aos gritos a morte de Túpac Amaru:

*El amor de los indios era tan grande, las lágrimas de todos, muchas y la confusión lastimosa; pidiéronle los religiosos (al inca) les mandase callar, y con una majestuosa severidad alzó el brazo derecho con la mano abierta, que le desataron sólo para aquello, y puesta junto al oído la fue bajando poco a poco hasta el muslo y al punto callaron todos de manera que ni un tosido, sollozo ni palabra se oyó, quedando la plaza en un silencio qui si no hubiera persona. El virrey que lo estaba mirando desde una ventana aunque encubierto, y los españoles, quedaron admirados de tal obediencia, y los indios rendidos a tal mandato.<sup>iv</sup>*

Sua língua foi cortada e no momento em que a lâmina do carrasco se erguia para decepar sua cabeça, levou a mão atrás da orelha, como querendo escutar na

solenidade daquele momento, o silencioso lamento do seu povo assistindo, em lágrimas, como o último filho do sol era assassinado, desaparecendo assim a dinastia dos soberanos incas.

Três dos quatro incas de Vilcabamba, que foi a família de Manco Inca Yupanqui, foram os únicos que se insurgiram e combateram os espanhóis no período da conquista. Depois da execução de Túpac Amaru I, nenhuma voz mais se alçou em protesto e nenhuma bandeira se levantou durante dois séculos na região do Vale Sagrado. O glorioso período do *Tahuantinsuyu* ia ficando na memória e na saudade dos povos andinos e um longo período de silêncio e letargia invadiu a alma dos quíchuas e aymaras.

## 2. O segundo Túpac Amaru: o último inca

Descrevi esse histórico caminho pelos rastros sangrentos da conquista espanhola no Peru, para informar das ações e omissões libertárias que antecederam, por duzentos anos, a grande revolta do povoado de Tinta, no ano de 1780, na província de Cusco.

Com base nos fatos que marcaram a história do Império Inca nos séculos XV e XVI, o narrador peruano Enrique Rosas Paravicino descreve em sua novela *Muchas lunas em Machu Picchu*<sup>y</sup>, a fundação da Cidade Sagrada, os prenúncios cósmicos das grandes mudanças no império e a tragédia política e social que se abateu sobre os incas, com o assassinato do imperador Atahualpa e o sangue de milhares de justos e inocentes que manchou as quatro décadas de fúria, rapinagem e genocídio da conquista espanhola, até a destruição final do Tahuantinsuyo.

Num enredo histórico marcado pelo lirismo e religiosidade, em torno do personagem Astor Ninango e da ilustre figura de seu pai, o astrônomo Sapan Huillcanina, o autor conta com grande dramaticidade os movimentos de resistência e a queda final da monarquia inca de Vilcabamba, com a extinção da dinastia fundada pelo mítico Manco Cápac. Os momentos da agonia do incário foram historicamente marcados pela inenarrável melancolia e desesperança, para os sobreviventes do império. Afirma Enrique Rosas:

*La muerte de Atahualpa, la ruina total ocasionada por el desplome del imperio, la posterior ocupación de Cusco por los bárbaros y otros hechos aciagos (...) desencadenó una terrible hambruna en la comarcas aldeañas al Cusco, debido a la destrucción de la agricultura, así como al saqueo perpetrado por los barbudos en los depósitos comunitarios de alimentos. La hambruna constituía un insulto para quienes – como nosotros – habían domesticado, durante siglos, más de mil especies de cereales, frutos y tubérculos, además de que nuestras mesas siempre estuvieran holgadas de carnes de aves, peces y otros animales comestibles. A la mortalidad provocada por el hambre siguió la esclavitud de nuestras gentes. Confinados en los hornos subterráneos de Potosí y Santa Bárbara, cada día reventaban en el trabajo miles de mitayos, obligados a extraer el mineral desde el duro intestino de la tierra. Ningún trabajador regresaba vivo a su aldea luego de su ingreso al Huañuy Pacha<sup>vi</sup> ni menos sabíamos, en verdad, si las almas de tan crueles opresores irían a salvarse del juicio de su dios, como lo aseguraban sus sacerdotes. Tarde o temprano, alguien en este mundo o en el outro tendría que juzgarlos con el mismo filo de metal con que pishtaban<sup>vii</sup> a sus víctimas, porque el clamor del llanto inocente ya demandaba justicia, mejor aún si ésta se alcanzaba en el Cay Pacha.<sup>viii ix</sup>*

Cabe ainda dizer, como prelúdio da maior insurgência indígena da história do continente, que no século XVIII, outras insurreições localizadas surgiram na região andina, como a de Juan Santos Atahualpa em 1742, insuflando as etnias amazônicas contra o poder espanhol no Peru e a já citada rebelião comandada, na Bolívia, por Túpac Katari. No entanto, nenhuma delas teve a importância histórica e a dimensão social daquela que foi liderada, no sul do Peru, por Túpac Amaru II.<sup>x</sup>

Nascido em 19 de março de 1740, na localidade de Surimana, e descendente, em quinta geração, do último inca, Túpac Amaru I, José Gabriel Concorcanqui Noguera, o Túpac Amaru, não era, independentemente de sua genealogia, um mero cacique. Havia estudado em Cusco, no Colégio São Francisco de Borja e depois fora aluno ouvinte na Universidade de São Marcos, em Lima, onde entrou em contato com os intelectuais da época, os quais lhe abriram os olhos com as ideias iluministas que semeavam os sonhos de independência das colônias inglesas na América, insurgidas em 1776, e que seriam os estopins da Revolução Francesa, em 1789. Aos vinte anos, casou com Micaela Bastidas Puyucawa, com quem teve três filhos. A herança da nobreza indígena dos caciques de Surimana, Tungasuca e Pampamarca e de uma grande quantidade de mulas, fizeram dele um líder político da região e, profissionalmente, um incansável viandante e próspero mercador na região dos Andes.

Naquela época, com cerca de dois milhões de habitantes, a sociedade colonial peruana era formada por 60% de índios e 20% de mestiços. A classe branca, *criollos* e espanhóis, não passavam de 12%. No contexto dominador, era proibida a alfabetização do índio, e assim, o fato de Túpac Amaru saber ler e escrever era um raríssimo privilégio no meio indígena.<sup>xi</sup>

A causa principal que gerou a grande revolta liderada por Túpac Amaru foi lhe ter sido negada a sua longa e bem fundamentada solicitação, datada em Lima, em 18 de dezembro de 1777, de liberar da *mita* mineira os índios da província de Tinta, obrigados a trabalhar nas distantes minas bolivianas de Potosi, um verdadeiro inferno, do qual poucos voltavam vivos. Argumenta ele, no seu longo documento, que de cada cem homens que partiam, numa caminhada de ida por mais de 200 léguas – ou seja, cerca de 1.300 quilômetros – para trabalhar o longo período de quatro meses de trabalho nas minas de prata, somente vinte regressavam aos seus lares, doentes ou como desertores. Escreve Túpac Amaru que os índios ao deixarem suas comunidades no Peru para a longa viagem a Potosi, na Bolívia: *Despedem-se, ou para morrer ou para não voltar mais à sua pátria.*

Os índios morriam aniquilados pela doença e pela brutalidade no interior dos socavões das minas ou eram aviltados, em seus povoados, pelo chamado *reparto*, pelo qual os corregedores – espécies de prefeitos nomeados pelos vice-reis – mantinham o monopólio comercial de mercadorias diversas e imprestáveis, em troca de seus produtos agrícolas, pelos quais pagavam preços irrisórios.<sup>xii</sup>

*A conquista rompeu as bases daquelas civilizações. Piores consequências do que o sangue e o fogo da guerra teve a implantação de uma economia mineira. As minas exigiam grandes deslocamentos da população e desarticulavam as unidades agrícolas comunitárias; não só extinguíam inumeráveis vidas com o trabalho forçado, como abatiam indiretamente o sistema coletivo de cultivo. Os índios eram conduzidos aos socavões, submetidos à servidão dos encomenderos e obrigados a entregar por nada as terras que obrigatoriamente deixavam ou descuidavam. Na costa do Pacífico, os*

*espanhóis destruíram ou deixaram extinguir enormes cultivos de milho, mandioca, feijão, amendoim, batata-doce; o deserto devorou rapidamente grandes extensões de terras que foram trabalhadas pela rede incaica de irrigação. Quatro séculos e meio depois da conquista, só restam pedras e capim bravo em lugar da maioria dos caminhos que unia o Império.*<sup>xiii</sup>

Diante do descaso das autoridades, Túpac Amaru passou três anos deslocando-se pela região andina pregando a revolta e o sonho de restaurar o Império Inca – o *Tahuantinsuyo*, o Reino das Quatro Partes. Caminhando distâncias enormes, foi ao encontro dos caciques peruanos e bolivianos, buscando apoio para uma grande rebelião.

*El 4 de noviembre de 1780 es la fecha del comienzo del estallido revolucionario que conmovió los cimientos más profundos del edificio español en las Indias y fue el jalón más importante en el camino hacia la independencia de Hispano-américa.*<sup>xiv</sup>

Naquele mesmo dia, quando os espanhóis comemoravam em Tinta o aniversário do rei da Espanha, o corregedor Antônio Arriaga foi preso e seis dias depois, enforcado publicamente na praça central de Tungasuca sob o comando de Túpac Amaru que, em altos brados, convocou os herdeiros da civilização inca a empunharem suas armas contra os espanhóis e declarou a extinção dos impostos e da *mita* mineira de Potosi. O grito de guerra de Túpac Amaru correu como um rastilho de pólvora pelo antigo Vale Sagrado, sendo ouvido na região dos Andes, cujos ecos chegaram até o altiplano e os vales bolivianos, recebendo o apoio dos caciques de La Paz, Oruro, Chuquisaca e Tupiza, dos caciques de Jujuy, no norte argentino e até dos chefes das tribos chiriguanas e mocovies da região do Chaco.

Após a execução do odiado corregedor Arriaga e com o apoio dos principais curacas (caciques) da região, Túpac Amaru recrutou seu exército e deu início à luta, prendendo e enforcando as autoridades espanholas que encontrava nas vilas e povoações da província. Destruíu as fábricas de tecidos onde crianças indígenas, a partir de dez anos, tinham que cumprir desumanas cotas de produção. Confiscou dinheiro e armas para suas tropas e distribuiu os bens e patrimônio para a população. Nomeou chefes locais comprometidos com a remissão da dignidade indígena, contagiando a todos com seus sonhos libertários e antecipando-se aos movimentos abolicionistas da América, redigiu, em 16 de novembro de 1780, um documento decretando a libertação dos escravos negros do Peru. Seu gesto fez incorporar no exército indígena um grande contingente de negros e mestiços zambos, bem como alguns brancos *criollos* revoltados contra as injustiças espanholas.

A surpresa do enforcamento de uma autoridade espanhola por um cacique inca e a rapidez com que a rebelião crescia, provocou a pronta reação do vice-reinado e da Igreja. O bispo de Cusco, Juan Manuel de Moscoso y Peralta armou rapidamente um exército de 1.500 soldados, para deter a insurreição tupamarista. O encontro deu-se em 18 de novembro, na vila de Sangarana, a poucos quilômetros de Cusco. Túpac Amaru, comandando 6.000 mil homens, cercou os soldados do bispo que, dizimados, refugiaram-se na igreja local, onde os 600 sobreviventes da batalha foram mortos. O bispo excomungou Túpac Amaru e seus guerreiros, e o peso religioso do anátema acabou inibindo novos alistamentos nas fileiras rebeldes.

### 3. A grande vitória de Sangarará. O cerco e a Batalha de Cusco. Retirada para Tinta

O historiador polonês Boleslau Lewin<sup>xv</sup> conta em seu livro *Túpac Amaru, el rebelde*, a saga do grande líder peruano e a estratégia com que ele imaginava conquistar Cusco. Pensava inicialmente tomar a cidade de Puno, para dali fortalecer suas tropas com os contingentes bolivianos para atacar Cusco. Sua vitória esmagadora em Sangarará, levou o bispo Moscoso a excomungá-lo por ter incendiado a igreja, onde os soldados se haviam entrincheirado, bem como levou o vice-rei a pedir socorro ao rei Carlos III, da Espanha. Sabedor dessas providências, Túpac Amaru adiantou o ataque à cidade de Cusco. Cercada por altas muralhas de pedra, uma grande guarnição de soldados e com o apoio de muitas tribos, cujos caciques eram católicos e fiéis ao rei da Espanha, sua conquista não seria uma tarefa fácil para os rebeldes. Com a aproximação do exército indígena, os soldados espanhóis partiram ao seu encontro.

Em 28 de dezembro daquele ano, os quarenta mil homens de Túpac Amaru entram pelo Cerro Picchu, no norte de Cusco. Mal armados, eles contavam com a adesão das tribos locais e com as forças de Diego Cristoval, irmão do líder, que deveriam atacar pelo nordeste da cidade. *Mientras en Lima se deliberaba y se enviaban refuerzos militares, el pánico cindía en el Cusco, que desde el día 28 de diciembre estaba acosado por Túpac Amaru. En la vieja capital del incanato se formaron dos bandos: uno, dispuesto a aceptar las exhortaciones del jefe rebelde de entregarle la ciudad; y outro, decidido a no cederle terreno.*<sup>xvi</sup>

As autoridades, ao tomarem conhecimento que parte da população estava deixando a cidade para juntar-se a Túpac Amaru, proibiram, sob pena de morte, que alguém mais saísse.

Em 2 de janeiro, as hostilidades começaram com os 12 mil soldados espanhóis resistindo por vários dias ao avanço dos índios, cujos efetivos militares foram reforçados com a chegada de 8.000 soldados vindos de Lima, com seis canhões e três mil fuzis. Como Diego Cristoval não chegou ao palco da batalha, por não ter conseguido furar as defesas espanholas no rio Urubamba, e o policiamento na cidade de Cusco reprimiu a sublevação interna, Túpac Amaru deflagra um ataque massivo em 8 de janeiro. Lutando contra os soldados e os próprios índios, a batalha de sete horas terminou com os bastiões da defesa realista intactos e com poucas baixas espanholas. Conta-se que apesar da insistência de sua esposa Micaela para atacar a cidade antes da chegada das tropas e armamentos vindos de Lima, *Túpac Amaru não atacou Cusco quando ainda era tempo para não matar índios, comandados pelo cacique Pumacahua, que defendiam o bastião espanhol.*<sup>xvii</sup>

O fato enigmático de porque Túpac Amaru não atacou Cusco em fins de novembro de 1789, quando a cidade estava dividida e ainda não contava com as forças militares a caminho, determinou, segundo algumas fontes, o fracasso posterior da operação. Segundo uma dessas fontes, Túpac Amaru disse ao padre de Acomayo: *que se había retirado de la ciudad, porque le pusieron en las primeras filas por carnaza a los indios, y por haberse acobardado los mestizos que manejaban los fusiles.*<sup>xviii</sup>

Ante as dificuldades estratégicas de furar o cerco, Túpac Amaru se retirou para sua base em Tinta. As perspectivas de vitória ficavam cada vez mais longínquas. Em março, chegaram à cidade 17 mil soldados espanhóis para dar fim à rebelião,

derrotando o exército indígena em 6 de abril e oferecendo o perdão aos desertores. Posteriormente, com a informação de traidores, o exército rebelde foi novamente derrotado, gerando a fuga e a dispersão militar das tropas tupamaristas.

#### 4. Traição, prisão e suplício

Túpac Amaru e seu estado maior foram capturados numa emboscada preparada pela traição. *Na derrota, fugindo por um rio é capturado e entregue aos espanhóis por seu compadre Francisco Santa Cruz.*<sup>xx</sup> Naquela fatídica semana, os espanhóis vingaram a morte do corregedor Arriaga, enforcaram 70 curacas rebeldes, na mesma praça onde ele foi executado.

O historiador Boleslao Lewin, estudando minuciosamente os documentos judiciais da época, confessa seus momentos de inesquecível amargura, diante dos relatos de tanta crueldade humana, nos dias que antecederam a execução de Túpac Amaru:

*"Cruel y amargo, pero también edificante, es el acta minuciosa del tormento de Túpac Amaru. Corresponde destacar, empero, que salvo interjecciones de dolor, nada salió de la boca del gran rebelde de 1780. Durante la tortura, como lo hemos dicho en el capítulo XV, le fue dislocado un brazo a Túpac Amaru. Pero aun así, no cesava en sus empeños de deslizarse de las garras terriblemente vengativas de la justicia colonial."*<sup>xx</sup>

Túpac Amaru, sua mulher Micaela e seus filhos foram levados à capital para o "julgamento". O grande caudilho foi torturado por 35 dias a fim de que desse informações sobre o esconderijo de outras lideranças rebeldes e sobre seu irmão. Diego José António de Areche, representante do rei, depois de negociar em vão suas promessas, e vencido pelo silêncio do guerreiro, lhe diz com arrogância:

*"Nós, teus odiados espanhóis te ensinamos a falar, e tua primeira palavra foi: Revolução. Te ensinamos a escrever, e tu escreveste: Guerra. Índio soberbo, diga quem são teus cúmplices, os outros culpados."*

Túpac Amaru, sem abrir os olhos disse:

*"Aquí no há mais cúmplice que tu e eu; tu por opressor e eu por libertador, merecemos a morte."*<sup>xxi</sup>

Em 18 de maio de 1871 – a exemplo de grandes caudilhos indígenas, como Lautaro, Caupolicán e Túpac Katari, que ousaram se levantar contra o domínio espanhol na América –, cumpriu-se a sentença de execução de Túpac Amaru e sua família. Antes de ser esquartejado, ele teve que assistir ao enforcamento de vários companheiros de luta. Depois – num superlativo sofrimento junto a Fernando<sup>xxii</sup>, filho caçula –, seu coração subiu ao calvário ao ver a mulher, o segundo filho Hipólito e seu cunhado Antônio, com as línguas cortadas e depois enforcados. Por fim, seus braços e pernas foram atados a quatro cavalos para a torturante execução e martírio, na presença da multidão que lotava a praça de Armas. Cortada a língua, os quatro cavalos, chicoteados e por reiteradas vezes, não conseguiram romper seus membros. Os espanhóis, então, decidiram decepar a cabeça do último herdeiro do Império Inca.

*La sentencia huele a velas y a escapulario, a metal mercenario y a agua bendita de esa que se vende al mejor postor al igual que los perdones para acceder al cielo, firmados por el puño y letra de su eminencia el Papa de ese mundo:*

*“Se condena a José Gabriel Condorcanqui Tupaj Amaru a ser sacado a la plaza de esa ciudad hasta el lugar del suplicio para que contemple la ejecución de su mujer Micaela Bastidas, de su hijo Hipólito, de su tío Francisco y su cuñado Antonio. Concluidas las ejecuciones, se cortará al inca la lengua y despues amarrado y atado por sus brazos y pies con cuerdas fuertes para fijarlo a las cinchas de cuatro caballos fuertes que tirarán cada uno en dirección de las cuatro esquinas de la plaza llevando sus partes al cerro Picchu para ser quemadas echando sus cenizas al viento. Su cabeza se expondrá en el pueblo de Tinta, siendo exhibida por tres días en la horca. Un brazo irá al pueblo de Tungasuca, donde fue cacique, el otro a la capital de la provincia Carabaya, una pierna a Livitaca, y la otra a Santa Rosa.*

*Las casas del reo serán arrasadas a la vista de los vecinos, sus bienes confiscados, y se falla que sus familiares que no han caído en las manos de la justicia queden inhabilitados para adquirir, poseer o pretender herencia alguna.”<sup>xxiii</sup>*

As bandeiras hasteadas por Túpac Amaru tremularam ainda algum tempo na região, sob o comando de Diego Cristobal:

*Es notable la rapidez con que los indios rehicieron sus fuerzas. En lo mismo pueblo de Langui, donde su admirado chefe fue entregado el 6 de abril, entre 18 y 22 del citado mes, ya luchava denodadamente con los españoles (columna de Paruco) un ejército indígena mandado por Diego Cristóbal Túpac Amaru, que fue derrotado. En cambio, en la outra banda del río Písac, los indios, en el mismo momento, obtuvieron una Victoria rotunda.”<sup>xxiv</sup>*

No Alto Peru, Túpac Katari manteve a ofensiva sobre as tropas espanholas na Bolívia, até ser traído e derrotado na Batalha de Peñas. Preso e posteriormente executado em 31 de novembro de 1781, Katari foi igualmente esquartejado por quatro cavalos na praça de Armas de La Paz, honrando a imagem daquele a quem tomara o nome, ao comportar-se com igual coragem e dignidade, no momento do martírio.

## **5. As sementes libertárias lançadas por Túpac Amaru**

Conta Lewin que Juan Bautista, irmão de Túpac Amaru, o qual sobreviveu depois de longas e inenarráveis penalidades em presídios da Espanha e da África, chegou à Argentina, em 1822, onde obteve de Rivadavia<sup>xxv</sup> uma pensão vitalícia, em troca dos relatos de suas memórias, publicadas em Buenos Aires com o nome de *Cuarenta años de cautiveiro*. Na obra, ele lamenta que:

*Mi Hermano mártir de la libertad y de su amor a los hombres pasará por un perverso y su tentativa por un crimen. E acrescenta o grande historiador: Afortunadamente, el anciano sobreviviente de la familia de Túpac Amaru estava equivocado. La memoria de Túpac Amaru no fue execrada en su época, ni menos en la centuria siguiente, aunque hoy hay historiadores, americanos, nacionalistas “in extremis”, que prefieren guardar silencio acerca de su brega heroica y de sus fines elevados. Corresponde, empero, hacer justicia a los historiadores españoles del siglo XIX (Ferrer Del Rio, Lobo y otros) que en su forma realmente comovedora y categórica repudiaron el crimen horroroso cometido con Túpac Amaru y sus familiares, sin sentir necesidad de justificarlo con crímenes, quiza no menos horrendos, cometidos en otras épocas o en otros países.”<sup>xxvi</sup>*

Pergunto se as sementes lançadas por Túpac Amaru, à revelia de todas as medidas para apagar seu nome e manchar sua imagem, brotariam nas terras do altiplano, transformadas em flores e frutos de mudanças e conquistas políticas e sociais. Se é verdade que os corregedores foram suprimidos e em seu lugar se estabeleceu, em 1782, o regime de Intendência. Se é verdade que o rei da Espanha extinguiu a mita e foi criada a Audiência de Cusco, para se denunciar as arbitrariedades contra os indígenas, também o é que o tempo provou que tais providências eram somente aparência e embuste. A civilização andina, mesmo depois da Independência, continuaria sendo despojada de suas riquezas minerais, escravizada e ignorada pelo poder e pela história – como foram os araucanos, no Chile – com sua cultura usurpada e condenada ao esquecimento. Gustave Le Bon, afirma em sua célebre *Psicologia das multidões* que:

*As verdadeiras convulsões históricas não são as que nos espantam por sua grandeza e violência. As únicas mudanças importantes, aquelas das quais provém a renovação das civilizações, produzem-se nas opiniões, concepções e crenças. Os acontecimentos memoráveis são os efeitos visíveis das invisíveis mudanças dos sentimentos dos homens. Se eles raramente se manifestam, é porque o fundo hereditário dos sentimentos de uma raça é seu elemento mais estável.*<sup>xxvii</sup>

Neste sentido, acreditamos que a eleição de um índio à presidência na Bolívia, bem como as fortes correntes indigenistas que têm motivado o enredo da recente literatura hispano-americana e particularmente a peruana, vêm finalmente justificar os sonhos libertários de Túpac Amaru e Túpac Katari, dando o poder do voto aos antigos habitantes do altiplano e voz aos seus personagens literários, que têm denunciado a injustiça e o massacre do povo andino, pelo mundo inteiro.

Algumas dessas sementes floriram nos movimentos de resistência guerrilheira que ocuparam as paisagens revolucionárias do sul. Além da homenagem com que os tupamaros uruguaios honraram o nome dos dois Túpac Amarus, os guerrilheiros peruanos do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionaria) em 1965, sob o comando de Luis de la Puente Uceda, formaram três frentes de ofensiva armada com o nome de *Guerrilha Pachacútec*, esta comandada pelo próprio Puente Uceda, *Guerrilha Túpac Amaru*, chefiada por Guillermo Lobatón, *Guerrilha Manco Cápac*, sob a direção de Gonzalo Fernández Gasco e Elio Portocarrero Rios. A quarta era *Guerrilha Javier Heraud*, do ELN (Ejército de Liberación Nacional) comandada por Héctor Béjar. Esses movimentos, apesar dos árduos combates que mantiveram com a polícia e o exército, e das façanhas da Guerrilha Túpac Amaru, transmitidas pelas ondas da Rádio de Moscou e Rádio de Havana, estavam todos praticamente destruídos, em janeiro de 1966. Os grandes comandantes foram mortos em ação, outros covardemente fuzilados, alguns conseguiram fugir do país e entre os presos estava Héctor Béjar e Hugo Blanco, ambos anistiados em 1970, pelo governo de Velasco Alvarado. Quem sabe Hugo Blanco, precursor da guerrilha peruana, tenha sido uma das mais fecundas sementes brotadas do sangue de Túpac Amaru. Apesar das torturas, prisões e muitos exílios, sua incansável e incorruptível missão na defesa da causa indígena, segue viva e atuante, com uma incomparável combatividade, nos seus atuais 77 anos de idade.

## **6. Os frutos da revolta, na literatura: Arguedas, Alegría e Scorza**

José Maria Arguedas, cuja prematura orfandade materna e uma madrasta maldosa o levou a viver numa comunidade indígena, onde aprendeu o quíchua, trouxe

desse convívio os mais belos, comoventes e chocantes quadros da cultura andina para as páginas de seus livros, mesclando seus profundos conhecimentos de etnólogo, com a sensibilidade e a linguagem lírica de suas narrações. Em seu romance *Rios profundos*, o personagem Antero, contando a vida humilhante dos colonos indígenas, descreve assim seu perpétuo calvário:

– *Em minha fazenda tem pouquinhos – disse. – E sempre levam chicotadas. Minha mãe sofre por causa deles; mas meu pai tem de dar conta do recado. Nas fazendas grandes, os amarram nos pisonayes dos pátios ou os penduram pelas mãos de um galho e os surram. É preciso surrá-los. Choram com suas mulheres e suas crianças. Choram não como se fossem castigados, mas como se fossem órfãos. É triste. E, ao ouvi-los, a gente também tem vontade de chorar como eles; eu fiz isso, irmão, quando era criança. Não sei de que teria que consolar-me, mas chorava como que procurando consolo, e nem nos braços de minha mãe eu me acalmava. Todos os anos vão padres franciscanos pregar nas fazendas. Se você visse, Ernesto! Falam em quíchua, dão alívio aos índios; os fazem cantar hinos tristes. Os colonos andam de joelhos na capela das fazendas; gemendo, gemendo, põem a boca no chão e choram noite e dia. E quando os padrezinhos vão embora, se você visse! Os índios os seguem. Os padres vão a galope nos seus cavalos; os índios correm atrás, chamando-os, saltando pelas cercas, pelos montes, pelas valas, cortando caminho; gritando, caem e se levantam; sobem as encostas. Voltam à noite; continuam gemendo na porta das capelas. Minha mãe se cansava procurando me consolar naqueles dias e não conseguia.*<sup>xxviii</sup>

Essa cruzada literária em defesa do indigenismo, – cuja primeira obra foi a novela *El Padre Horán*, de Narciso Aréstegui, publicada em 1848, sob a forma de folhetim pelo jornal *El Comercio*, de Lima – começa a tomar corpo em 1941, com duas obras que inauguram a moderna narrativa indigenista peruana: – precursoras do amplo contexto literário que vinte anos depois se abriria no extraordinário *boom* da literatura latino-americana – *El mundo es ancho y ajeno*, de Ciro Alegría y *Yawar fiesta* de José María Arguedas. O primeiro descreveu, em sua premiada novela, as terras indígenas tomadas pela ganância despótica de um poderoso fazendeiro que lhes diz: *Ide para outra parte, o mundo é imenso*. Mas se é verdade que o mundo é largo e imenso, é também um mundo totalmente alheio ao indígena; àquele em que nasceu e vive na sua comunidade andina. Nos Andes, os que perdem a sua terra perdem tudo. Enganados, escoraçados e empobrecidos, passam a ser explorados e escravizados sobre suas próprias terras usurpadas ou partem para as periferias das cidades, sobrevivendo no subemprego e na miséria extrema, morrendo lentamente pelas enfermidades e pela nostalgia da sua comunidade. Em *Yawar fiesta*, o problema social é o mesmo: as terras das comunidades indígenas (*ayllus*) são tomadas pelos brancos (*mistis*) para a criação de gado, com o agravante de ter suas mais sagradas tradições culturais (*fiestas*) violentadas pelo poder oficial do Estado.

Estes livros de Alegría e de Arguedas, que, como adiantamos, inauguram em 1941 a moderna narrativa peruana, destacando-se pelo seu caráter regional, cultural e indigenista, são um explícito testemunho de crueldade social e do aniquilamento total de duas comunidades indígenas. As obras, em síntese, denunciam literariamente ao mundo, que não existe, culturalmente, lugar para o homem andino fora de sua própria comunidade.

A segunda fase dessa narrativa, surge com o neindigenismo de Manuel Scorza<sup>xxix</sup>, que adotou, como conduta de luta política e social, o arquétipo que ele mesmo chamou de “inconsciente coletivo índio”, testemunhando essa atitude num ciclo literário denominado *La guerra silenciosa*, onde relata, ironicamente, em seu próprio título, toda a dimensão e a natureza da luta secular dos indígenas sem voz e sem registro nas páginas da história peruana. Essa série – que começou com a publicação, em 1970, na Espanha, de *Redoble por rancas* e continuou com *Historia de Garabombo, el invisible* (1972), *El jinete insomne* (1977), *Cantar de Agapito Robles* (1977) e *La tumba del relámpago* (1978) –, enfoca – numa narrativa tecnicamente moderna e renovadora, sem linearidade, sem cronologia e estabelecendo sua própria lógica, numa atmosfera de lirismo e de realismo mágico –, especificamente um grande período das insurreições camponesas, ocorridas na região central do Peru, nas décadas de 1950/60. Scorza, que lamentavelmente morreu num acidente aéreo em 1983, interrompendo uma das mais importantes carreiras literárias em defesa da causa indigenista, soube colocar nos lábios e nos punhos dos seus personagens o mais legítimo estandarte de luta do massacrado índio peruano. Mostrou ao mundo e ao Peru que as bandeiras indígenas do seu povo são gritos sem eco social, que suas terras, indelevelmente marcadas pelo desprezo e o mais cruel autoritarismo, estão marcadas pelos limites geográficos do seu próprio desterro. Suas obras, traduzidas para mais de quarenta idiomas, mostram que nos rastros do destino dos atuais camponeses andinos só existe a glória de um império iluminado por um passado longínquo, mas manchado pela memória de uma tragédia de cinco séculos. Um destino onde não existe mais lugar para a esperança, nem um porto de chegada. Esse não ser ninguém, essa invisibilidade pessoal quase mágica em seu livro *Garabombo, el invisible*, é também justificada, historicamente, em *Redoble por rancas*,<sup>xxx</sup> denunciando o drama dos camponeses andinos, expulsos de suas terras na comunidade de Rancas, pelo poder, a ganância dos grandes proprietários e os interesses imperialistas da Cerro de Pasco Cooper Corporation. No intento de recuperá-las, foram massacrados pelo exército peruano, em maio de 1960.<sup>xxxi</sup>

*Este libro – escreve o autor em sua nota introdutória – es la crónica exasperantemente real de una lucha solitaria: la que en los Andes Centrales libraron entre 1950 a 1962, los hombres de algunas aldeas sólo visibles en las cartas militares de los destacamentos que las arrasaron. Los protagonistas, los crímenes, la traición y la grandeza, casi tienen aquí sus nombres.*<sup>xxxii</sup>

Ao escrever estes relatos, cinquenta anos depois daquele massacre, constato que o conflito de Rancas ainda não foi resolvido e que a população continua lutando, para defender seus direitos contra a mineradora encampada em 1973, agora com o nome de Volcan Compañia Minera. Esse tem sido o teatro das lutas indígenas da América: o palco de uma permanente tragédia. Um palco sem plateia, de cortinas fechadas, sem as luzes da ribalta ideológica e cujo drama é representado por personagens manietados e amordaçados. Foi essa a forma como todo esse enredo de quinhentos anos de sonhos, rebeliões, massacres, genocídio e martírio foi escrito nos anais da historiografia do continente e nas páginas das literaturas nacionais onde, em cada país, contam-se nos dedos os prosadores e poetas, que realmente se comprometeram em denunciar a invisibilidade, o silêncio e o anonimato desses povos oprimidos. O talento e a coragem de Scorza pagam até hoje – apesar do seu reconhecimento internacional – o preço vergonhoso de suas denúncias, o preço de sua legítima indignação como peruano, o

preço de sua rebelião como escritor, implícitos na inconfessável indiferença do seu próprio país perante sua grande obra. Algo parecido ao desprezo que, no passado, os peruanos tiveram por um poeta que hoje é reconhecido como um poeta universal e a maior glória das letras do Peru: César Vallejo.

---

(\*) Este ensaio integra o texto do livro NOS RASTROS DA UTOPIA: Uma memória crítica da América Latina nos anos 70, publicado em 2014 pela Escrituras Editora. As notas e traduções são do autor.

<sup>i</sup> Vargas, V. A. *Op. cit.*, t. III, p.446.

*que só vinha a Cusco sabendo das ofensas que lhe faziam os quitenhos e para remediar os males que afligem os cusquenhos.*

<sup>ii</sup> Vargas, V. A. *Idem*, t. III, p. 448.

*Manco, vendo-se livre, avançou rapidamente pelo velho caminho até o importante povoado de Chinchero, onde começou a rebelião, incendiando a aldeia que tinha sido convertida, recentemente, em feudo espanhol. Depois continuou em direção ao vale, chegando a Yucay e Ollantaytambo; o Inca foi reconhecido supremo capitão da causa da independência e os guerreiros foram se reunindo sob sua bandeira. Fernando Pizarro surpreso com a atitude do Inca, enviou parte dos seus efetivos em rápidos corcéis até Yucay e Ollantaytambo, os quais sofreram uma grande derrota ante os bastiões de Choqana, Mascapampa e Punkupunku, sendo provável que não tenham chegado à praça de Mañay Raqay Mañay, já que dela ninguém havia saído vivo. Os espanhóis foram perseguidos até perto de Cusco, apesar dos guerreiros nativos avançarem a pé e os hispânicos fugirem a cavalo.*

<sup>iii</sup> Huirta, L. R. de. *El inca titu cusi yupanqui y su tiempo*. Lima, Fondo Editorial, Pontificia Universidade Católica del Perú, 1997.

<sup>iv</sup> Vargas, V. A. *Idem*, t.III, p.478.

*O amor dos índios era tão grande, as lágrimas de todos, muitas e uma lamentável confusão; pediram-lhe os padres (ao Inca) que os mandasse calar, e com uma majestosa severidade levantou o braço direito com a mão aberta, que lhe desataram apenas para isso, e colocada junto ao ouvido foi baixando lentamente até a coxa e naquele momento calaram-se todos de maneira que nem um tossido, soluço e nenhuma palavra se ouviu, ficando a praça em silêncio como se ali não houvesse ninguém. O vice-rei, que olhava de uma janela, embora encoberto, e os espanhóis, ficaram admirados com tal obediência, e os índios rendidos à sua autoridade.*

<sup>v</sup> Paravicino, E. R. *Idem*, p. 18-20.

<sup>vi</sup> Ciclo de la morte (nota do texto).

<sup>vii</sup> Na tradução deste período para o português, não encontrei a palavra *pishtaban* no idioma castelhano. Consultando o autor da obra sobre o assunto, por achar que se tratava de um erro tipográfico e que o termo correto deveria ser *pinchaban*, Enrique Rosas me respondeu que: *La palabra “pishtaban” es correcta. “Pishtar” es un peruanismo (mezcla de quechua y español) que significa degollar, cortar la cabeza, sangrar... De allí viene el personaje “Pishtaco”, el degollador de los Andes, de siniestra fama y aura sombría. El “Pishtaco” se embosca en los caminos y ataca a los viajeros solitarios. Luego de asesinarlos, les extrae la grasa para venderla en alto precio a los exportadores de este macabro insumo. Por una arraigada sugestión, algunos quechuas no quieren someterse a una cirugía del hospital, porque al médico (vestido de bata blanca y bisturí entre manos) lo asocian con el Pisthaco.*

---

viii Mundo Terrenal (Nota do texto).

ix A morte de Atahualpa, a destruição total causada pelo colapso do império, a ocupação posterior de Cusco pelos bárbaros e outros fatos lamentáveis (...) desencadeou uma terrível fome nos distritos vizinhos a Cusco, devido à destruição da agricultura, e aos saques perpetrados pelos barbudos nos depósitos comunitários de alimentos. A fome era um insulto para aqueles que – como nós – tínhamos cultivado, há séculos, mais de mil espécies de cereais, frutas e tubérculos, além de sempre termos mesas fartas de carne de aves, peixes e outros animais comestíveis. À mortandade causada pela fome seguiu a escravidão do nosso povo. Confinados nos fornos subterrâneos de Potosí e Santa Bárbara a cada dia, milhares de índios definhavam no trabalho das minas, obrigados a extrair o minério das duras entranhas da terra. Nenhum trabalhador retornava à sua aldeia vivo depois de sua admissão naquele Ciclo da Morte e nem ao menos sabíamos se, na verdade, as almas de tão cruéis opressores iriam salvar-se do julgamento de seu deus, como diziam seus sacerdotes. Cedo ou tarde, alguém neste mundo ou no outro teria que julgá-los com o fio do mesmo metal com que degolavam suas vítimas, porque o clamor das lágrimas inocentes implorava justiça, e melhor ainda se esta fosse cumprida aqui no Mundo Terreno.

x Ribas, L. M. *Movimientos revolucionarios en las colonias españolas de América*. Editorial Claridad, Montevideú, 1940.

xi No dia 22 de janeiro de 2006, ao tomar posse como o primeiro índio a presidir um país latino-americano, o boliviano Evo Morales pronunciou um discurso, de quase uma hora e meia, cuja tônica foi denunciar a humilhação, o sofrimento e a marginalização por que passaram, durante séculos, os povos andinos. Nesse contexto, declarou perante o povo, cuja imensa maioria indígena ocupava todos os recintos da praça Murillo, às autoridades e correspondentes estrangeiros: *Devo dizer-lhes, para que o saiba a imprensa internacional, que aos primeiros aimaras e quíchuas que aprenderam a ler e escrever, lhes arrancaram os olhos e cortaram as mãos para que os demais nunca mais aprendessem a ler e escrever...*

xii Lewin, B. Op. cit., Tomo I, p. 327 à 330.

xiii Galeano, E. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Galeno de Freitas. 48 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2008, p.64.

xiv Lewin, B. Idem, Tomo I, p.449.

Dia 4 de novembro de 1780 é a data de início da explosão revolucionária que abalou os alicerces mais profundos do domínio espanhol nas Índias, e foi o marco mais importante no caminho para a independência hispano-americana.

xv Ressalvados os méritos de Carlos Daniel Valcárcel sobre o mesmo tema, faço aqui uma especial consideração pela excelência das obras de Boleslau Lewin sobre a vida e a causa libertária de Túpac Amaru. Não somente por se tratar dos mais completos trabalhos publicados até a atualidade sobre o maior comandante indígena da América, mas também pelo seu itinerante esforço, no início da década de 1940, buscando nos arquivos da Bolívia as fontes documentais da rebelião no Alto Peru, liderada por Túpac Katari, e no Peru sobre a revolta peruana do grande caudilho de Tinta. Creio que o maior mérito de Boleslau Lewin é a inspiração e o despojamento cultural de um europeu, ao escrever uma obra biográfica sobre um herói latino-americano, num período emocionalmente tão difícil de sua vida, quando sua pátria e sua família sofriam os horrores da ocupação alemã. Nascido em 1908, em Lodz, na Polônia, sua origem judaica o levou a emigrar para Buenos Aires em 1930. Depois de 1939, viu seu país desaparecer como nação, invadido pela Alemanha e a União Soviética. Toda a sua família foi exterminada pelos nazistas. Seu livro *Túpac Amaru, el rebelde*, – o segundo livro seu que uso neste capítulo – foi editado originalmente em 1943, em Buenos Aires e teve posteriormente outras edições em espanhol, sendo traduzido para vários idiomas, inclusive o russo, japonês e o chinês. A outra obra sua, que estou usando mais densamente na redação deste capítulo, *La rebelión de Túpac Amaru*, segundo o autor, *es un nuevo y más amplio estudio del tema que he tratado en Túpac Amaru, El rebelde* (Ed, “Claridad”, 1943). Na *Nota a la edición cubana*, de 1972, de que disponho – cujos dois avantajados volumes somam 1.023 páginas e foi tomada da primeira edição argentina de 1957 –, pergunta-se a Boleslau Lewin se: *Su nacionalidad ha servido de pretexto para que alguien cuestione su interés por “un tema tan genuinamente americano”*. El professor Lewin responde: *Debo confesar que, a mi juicio, no hay temas de incumbencia exclusiva de nadie. Sólo hay temas que encuentran resonancia en el espíritu del autor. Creo que con la misma desinteresada dedicación estudiaría la figura admirable de fray Bartolomé de las Casas y el levantamiento incomparable en su grandeza heroica – prácticamente una lucha suicida de decenas de miles de hombres en médio de la indiferencia desesperante del mundo – de los judíos del ghetto de Varsóvia*.

---

<sup>xvi</sup> Lewin, B. Idem, p. 463.

*Enquanto em Lima deliberava-se e enviavam-se reforços militares, o pânico imperava em Cusco, que desde o dia 28 de dezembro foi assediada por Túpac Amaru. Na antiga capital do incanato, formaram-se dois bandos: um disposto a aceitar as exortações do chefe rebelde de entregar-lhe a cidade; e outro decidido a não ceder terreno.*

<sup>xvii</sup> Pinto, D.; Navia, R. Op. cit., p. 236.

<sup>xviii</sup> José Rosendo Gutiérrez, *Relación histórica del principio, progreso y estado de la sublevación de José Gabriel Túpac Amaru*, p. 132. Citado por Lewin, B. Op. cit., p. 470.  
*que se havia retirado da cidade porque puseram os índios, nas primeiras filas, como “carne de canhão”, e porque os mestiços, que manejavam os fuzis, se acovardaram.*

<sup>xix</sup> Ibid., p. 236.

<sup>xx</sup> Lewin, B. Idem., p.494-5.

Cruel e amargo, mas também edificante, é a ata minuciosa do tormento de Túpac Amaru. Corresponde destacar, porém, que à exceção de exclamações de dor, nada saiu da boca do grande rebelde de 1780. Durante a tortura, como mencionamos no capítulo XV, foi deslocado um braço de Túpac Amaru. Mas, ainda assim, não cessava em seus empenhos de fugir das garras terrivelmente vingativas da justiça colonial.

<sup>xxi</sup> Varcárcel, C. D. *La rebelión de Túpac Amaru*. México, Fondo de Cultura Económica, 1965.

<sup>xxii</sup> Nas páginas 745 à 747, da obra citada, Lewin conta que dos filhos de Túpac Amaru que sobreviveram, Mariano, o mais velho, foi preso posteriormente à execução do pai e morreu no navio militar *El Peruano*, na altura do Rio de Janeiro, quando era transportado para a Espanha. Fernando, o menor, assistiu à morte dos pais e do irmão Hipólito na praça de Cusco, mas foi poupado por ter apenas nove anos. Como as autoridades coloniais não queriam em solo da América nenhum descendente de Túpac Amaru, todos os seus parentes que sobreviveram, depois de terríveis padecimentos nos calabouços de Lima, foram levados, em navios de guerra, para a Espanha. Num destes navios, o *San Pedro de Alcántara*, em 13 de abril de 1783, embarcou Fernando Túpac Amaru, na época com onze anos. Mas o navio naufragou na costa portuguesa, onde o menino vagou por três dias. Faminto, maltrapilho, sem recursos e completamente abandonado, optou por apresentar-se às autoridades espanholas que, sem mostrar clemência, encerraram-no no Castelo Santa Catalina, em Cádiz. Ali ficou até 1788, quando foi trasladado para a Escuela de Abapies, de Madri. Aos 21 anos, obteve liberdade condicional, com a condição de morar em Madri. Devido aos seus padecimentos nas úmidas prisões, Fernando ficou gravemente doente e sem recursos para curar-se. Chegou a receber a extrema unção em 15 de junho de 1798, mas conseguiu curar-se. Nesta época, com 26 anos, procura as autoridades espanholas em busca de ajuda para sua sobrevivência. Segundo Boleslau Lewin, nesta época desaparecem os rastros documentais do último descendente de Túpac Amaru.

<sup>xxiii</sup> Pinto, D.; Navia, R. Op. cit., p. 236-7.

*A sentença cheira a velas e a escapulário, a metal mercenário e à água benta, dessa que se vende ao melhor proponente, da mesma forma que os perdões para chegar ao céu, assinado por punho e letra de sua eminência o Papa desse mundo: “Se condena a José Gabriel Condorcanqui Túpac Amaru a ser levado à praça dessa cidade até o lugar de suplício para que contemple a execução de sua mulher Micaela Bastidas, de seu filho Hipólito, de seu tio Francisco e seu cunhado Antônio. Concluídas as execuções, se cortará ao inca a língua e depois amarrado e atado por seus braços e pés com cordas fortes para fixá-lo à cilhas de quatro cavalos fortes que puxarão cada um em direção às quatro esquinas da praça levando suas partes ao monte Picchu para serem queimadas jogando suas cinzas ao vento. Sua cabeça será exposta no povoado de Tinta, sendo exibida por três dias na forca. Um braço irá para o povoado de Tungasuca, onde foi cacique; o outro à capital da província Carabaya; uma perna a Livitaca e a outra a Santa Rosa. As casas do réu serão arrasadas à vista dos vizinhos, seus bens confiscados e se determina que seus familiares que não caíram nas mãos da justiça fiquem impossibilitados para adquirir, possuir ou pretender herança alguma”.*

<sup>xxiv</sup> Lewin, B. Idem, p. 491.

É notável a rapidez com que os índios refizeram suas forças. No mesmo povoado de Langui, onde, em 6 de abril, foi entregue seu admirado chefe, entre 18 e 22 do citado mês, um exército indígena (Coluna de Paruco) já lutava denodadamente contra os espanhóis sob o comando de Diego Cristóbal Túpac Amaru, que foi derrotado. Contudo, no outro lado do rio Písac, os índios, no mesmo momento, obtiveram uma contundente vitória.

---

<sup>xxv</sup> Idem, p. 746.

<sup>xxvi</sup> Ibid., p. 502.

Meu irmão, mártir da liberdade e de seu amor aos homens, passará por um perverso e sua tentativa por um crime. *Felizmente, o velho sobrevivente da família de Túpac Amaru estava errado. A memória de Túpac Amaru não foi execrada em sua época e nem sequer na centúria seguinte, embora hoje haja historiadores, americanos, nacionalistas in extremis, que preferem manter o silêncio sobre a sua luta heroica e seus fins elevados. Deve-se, porém, fazer justiça aos historiadores espanhóis do século XIX (Ferrer Del Rio, Lobo e outros) que de forma realmente comovedora e categórica repudiaram o crime horrível cometido contra Túpac Amaru e sua família, sem sentir a necessidade de justificá-lo com crimes, talvez não menos horrendos, cometidas em outras épocas ou em outros países.*

<sup>xxvii</sup> Le Bom, G. *Psicologia das multidões*. Trad. Mariana Sérvulo. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2008, p. 19.

<sup>xxviii</sup> Arguedas, J. M. Op. cit., p. 137-8.

<sup>xxix</sup> Manuel Scorza, nascido em 1928, começou sua carreira literária como poeta. Em sua precoce militância política, como aprista, esteve a ponto de assaltar o quartel de uma escola militar, em 1948, que o levou, já aos 20 anos, a ser deportado para o México, onde renunciou publicamente à Apra com o: *Good bye, Mr. Haya*.

<sup>xxx</sup> Scorza, M. *Redoble por ranca*. Barcelona, Editorial Planeta, 1970.

A obra foi publicada no Brasil pela Civilização Brasileira, em 1978, com o título de *Bom-dia para os defuntos*.

<sup>xxxI</sup> Um dos personagens do livro, Hector Chacón, tido como um personagem fictício do autor, mas na verdade esquecido há onze anos, numa prisão, na selva amazônica, por sua luta contra a mineradora Cerro, foi mandado ser liberto pelo presidente Velasco Alvarado, por influência do livro *Redoble por rancas*.

<sup>xxxii</sup> *Este livro é a crônica exasperadamente real de uma luta solitária: aquela que nos Andes Centrais travaram, entre 1950 e 1962, os homens de algumas aldeias somente visíveis nas cartas militares dos destacamentos que as arrasaram. Os protagonistas, os crimes, a traição e a grandeza, quase têm aqui seus nomes verdadeiros.*